

# ***A ESCASSEZ DA FIGURA MASCULINA NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.<sup>1</sup>***

Andrieli Brito<sup>2</sup>

Fernanda Caroline Nascimento<sup>3</sup>

Monique Soares Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata da escassez da figura masculina na docência através da perspectiva de que em sua história, o curso de pedagogia possui a característica de ser frequentado, em sua maioria, por mulheres e relacionado aos papéis femininos. Contudo, ressalta-se que esta profissão foi iniciada pelos homens, porém, nos dias de hoje, o professor vem sofrendo dificuldades no exercício da docência, principalmente quando se trata de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Neste contexto, discorrendo sobre o papel do homem na docência, pretendemos analisar a seguinte questão: qual a visão da sociedade em relação ao homem exercendo o magistério nos dias atuais? Nesta perspectiva, temos como objetivo geral, investigar a visão da sociedade perante a figura masculina na docência e suas possíveis dificuldades profissionais diante disso. O artigo baseou-se em um estudo qualitativo de pesquisas bibliográficas, onde temos como principais autores Sousa (2011) e De Sá e Rosa (s/a). Foram realizadas também, pesquisas de campo com professores de ambos os gêneros, pais, pedagogos, estudantes e graduados em pedagogia para levantamento de dados estatísticos, analisando as opiniões e respostas coletadas, onde através de resultados obtidos, constatou-se que é grande a importância da figura masculina como professor, mas que ainda há muito preconceito existente por partes da sociedade e das próprias professoras e pedagogas que atuam na educação.

**Palavras-chave:** Homem, docência, educação infantil, ensino fundamental, feminização.

## **THE SHORTAGE OF THE MALE FIGURE IN THE TEACHING OF CHILD EDUCATION AND INITIAL YEARS OF FUNDAMENTAL TEACHING**

**Abstract:** The present article deals with the scarcity of the male figure in teaching through the perspective that in its history, the pedagogy course has the characteristic of being frequented, mostly by women and related to the female roles. However, it is noteworthy that this profession was initiated by men, but today, the teacher has suffered difficulties in teaching, especially when it comes to early childhood education and early years of elementary school. In this context, discussing the role of man in teaching, we intend to analyze the following question: what is the vision of society in relation to the man exercising the teaching of today? In this perspective, we

<sup>1</sup> Trabalho acadêmico orientado pela Professora Rozane Marcelino de Barros, na disciplina de Projeto Integrador VI, no Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Padre João Bagozzi.

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi.

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi.

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de Licenciatura Pedagogia na Faculdade Padre João Bagozzi.

have as general objective, to investigate the vision of the society before the male figure in the teaching and its possible professional difficulties in front of it. The article was based on a qualitative study of bibliographic research, where we have as main authors Sousa (2011) and De Sá e Rosa (s / a). Field surveys were also carried out with teachers of both genders, parents, pedagogues, students and graduates in pedagogy to collect statistical data, analyzing the opinions and answers collected, where through results obtained, it was verified that the importance is great of the male figure as a teacher, but that there is still a lot of prejudice that exists between parts of society and the teachers and pedagogues themselves who work in education.

Keywords: Man, teaching, early childhood education, elementary education, feminization.

### **LA ESCASEZ DE LA FIGURA MASCULINA EN LA DOCENCIA DE LA EDUCACIÓN INFANTIL Y AÑOS INICIALES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL**

Resumen: El presente artículo trata de la escasez de la figura masculina en la docencia a través de la perspectiva de que en su historia, el curso de pedagogía posee la característica de ser frecuentado, en su mayoría, por mujeres y relacionado a los roles femeninos. Sin embargo, se resalta que esta profesión fue iniciada por los hombres, pero, en los días de hoy, el profesor viene sufriendo dificultades en el ejercicio de la docencia, principalmente cuando se trata de educación infantil y años iniciales de la enseñanza fundamental. En este contexto, discutiendo sobre el papel del hombre en la docencia, pretendemos analizar la siguiente cuestión: ¿cuál es la visión de la sociedad en relación al hombre ejerciendo el magisterio en los días actuales? En esta perspectiva, tenemos como objetivo general, investigar la visión de la sociedad ante la figura masculina en la docencia y sus posibles dificultades profesionales ante ello. El artículo se basó en un estudio cualitativo de investigaciones bibliográficas, donde tenemos como principales autores Sousa (2011) y De Sá y Rosa (s / a). Se realizaron también investigaciones de campo con profesores de ambos géneros, padres, pedagogos, estudiantes y graduados en pedagogía para levantamiento de datos estadísticos, analizando las opiniones y respuestas recolectadas, donde a través de resultados obtenidos, se constató que es grande la importancia de la figura masculina como profesor, pero que todavía hay mucho preconceito existente por partes de la sociedad y de las propias profesoras y pedagogas que actúan en la educación.

Palabras clave: Hombre, docencia, educación infantil, enseñanza fundamental, feminización.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo discute o tema da escassez da figura masculina na docência e a visão da sociedade em relação ao homem no magistério.

Em sua história, o curso de pedagogia possui a característica de ser frequentado, em sua maioria, por mulheres e relacionado aos papéis femininos (SOUSA, 2011). Contudo, ressalta-se que esta profissão foi iniciada pelos homens, porém, nos dias de hoje, o professor vem sofrendo dificuldades no exercício da docência, principalmente quando se trata de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, tais dificuldades estão ligadas principalmente à sua aceitação, tanto por parte dos pais, comunidade escolar e da sociedade. O tema abordado está presente em nossa sociedade desde o início da docência e da profissão do professor, considerando suas questões históricas e de gêneros e suas implicações na sociedade atual. Neste contexto, discorrendo sobre o papel do homem na docência, pretendemos analisar a seguinte questão: qual a visão da sociedade em relação ao homem exercendo o magistério nos dias atuais?

Partimos da hipótese que na sociedade atual há a existência do preconceito em relação ao homem atuando como docente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, sendo este, um dos fatores contribuintes para a pouca procura do curso de pedagogia vindas do sexo masculino.

Nos dias atuais, percebe-se que a minoria do público que cursa a licenciatura em pedagogia é do sexo masculino, porém, sabemos que a profissão iniciou com os homens, que eram os únicos a aprender e ensinar, e que predominaram na área por muito tempo até que as mulheres pudessem ingressar nela. Segundo Souza (2011) a grande maioria dos homens com graduação em pedagogia sofrem certo preconceito e dificuldade em ingressar no mercado de trabalho, principalmente na docência dos anos iniciais e educação infantil, passando muitas vezes a exercer outras áreas da pedagogia, fora de sala de aula. Este preconceito entre a atuação do homem comparado a da mulher, existe na concepção da sociedade, mas não se sustenta, pois todos passam pela mesma formação, tendo a mesma capacidade para atuar na docência. O que se ressalta diante disto é uma visão preconceituosa da sociedade que tem dificuldade em

reconhecê-los como profissionais da educação.

Diante disso, com esta pesquisa pretende-se entender como ocorreram estas mudanças entre os gêneros no decorrer do curso de pedagogia e da história da educação e qual o efeito da visão da sociedade sobre a atuação do professor.

Nesta perspectiva, temos como objetivo geral, investigar a visão da sociedade perante a figura masculina na docência e suas possíveis dificuldades profissionais diante disso. No intuito de atingir este propósito, o trabalho organiza-se em três capítulos. Para atingi-lo estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o contexto histórico dos gêneros no curso de Pedagogia e no exercício do magistério;
- Compreender a visão do homem no exercício de sua profissão e suas dificuldades exercendo o papel de professor;
- Investigar a visão da sociedade em relação aos gêneros no magistério;

Vivenciamos uma realidade acadêmica onde há poucos homens cursando a licenciatura em pedagogia, com isso, pretendemos abordar este público através de questionários e pesquisa de campo para investigar suas expectativas em relação ao curso e como eles se vêm perante uma área frequentada em sua maioria, pelas mulheres, verificando se a realidade em que nos encontramos condiz com a teoria e também, analisar como a figura masculina na docência, é vista pela sociedade.

Diante disto, a realização desse trabalho será fundamentada através de pesquisas bibliográficas e documentais, como também através de pesquisa de campo com professores de ambos os gêneros, pais, pedagogos, estudantes e graduados em pedagogia e levantamento de dados estatísticos, analisando as opiniões e respostas coletadas.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS GÊNEROS NO CURSO DE PEDAGOGIA E NO EXERCÍCIO DO MAGISTÉRIO**

Ao se trabalhar a questão de gênero em sala de aula, precisamos entender de

onde ele surgiu. Pode-se dizer que o conceito teve início com a escritora feminista Simone de Beauvoir para discutir com a natureza humana, se opondo a qualquer interpretação regradada no determinismo biológico, e tendo assim uma visão naturalista, universal e imutável. Esse conceito contribuiu para justificar as desigualdades entre os sexos a partir das suas diferenças físicas (NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008). Esta questão de gêneros e suas desigualdades têm influenciado não somente na sociedade e no mundo do trabalho, mas também na educação.

Segundo Venturini e Thomasi (2013), o professor é alguém com a necessidade de formação adequada, ou seja, que compreenda a concepção da criança como um ser histórico, social, cultural, biológico, emocional, entre outros, necessitando também conhecer sobre o desenvolvimento da criança e ter um perfil profissional crítico, criativo, desenvolvendo suas habilidades e potencialidades para o exercício da profissão. É necessário ao professor, conhecer as necessidades de cada faixa etária, articular os conteúdos e atendimentos aos alunos, entre outras demandas educacionais cabíveis ao docente, porém, com isso surge o seguinte questionamento: será que apenas a mulher se adapta a este perfil?

Desde a Segunda Guerra até os dias atuais, a família vem sofrendo grandes transformações com relação às ideias sobre infância, sobre o lugar social destinado às mulheres e nas relações entre os sexos, como o testemunham os intensos debates no interior da sociologia da família. (CARVALHO, 1999 *apud* VENTURINI E THOMASINI, 2013, s/p.).

Sabemos que vêm ocorrendo muitas mudanças na área da história da educação no Brasil, com isso, De Sá e Rosa (s/a) afirmam que historiadores da educação buscam compreender o processo de feminização na docência dos anos iniciais, salientando as razões que levaram o crescente número de mulheres nesta profissão e as transformações decorrentes disto.

Segundo Santos (2008), atualmente é comum nas escolas de Educação Infantil e anos iniciais, observarmos que a maioria dos professores que estão atuando nessas áreas são mulheres. Os homens são minoria nessas etapas da educação, mas nem sempre foi assim. Na história da educação, ocorreram mudanças na forma de ensinar, nos recursos

que eram utilizados e principalmente, quem iria ensinar. É necessário analisar e compreender essas mudanças que ocorreram dos profissionais no exercício da docência e como o magistério se tornou uma profissão feminina.

Investigar este processo de feminização da docência e do afastamento dos homens deste ramo significa compreender um percurso construído historicamente, mediado por conflitos de uma sociedade onde, segundo Sousa (2011), foi marcada pelo machismo, patriarcalismo e pela herança portuguesa que influenciou a educação brasileira.

Até meados do século XIX, o Brasil era caracterizado como uma sociedade agrária, onde sua organização social era dividida entre senhores e escravos, sendo a mulher totalmente excluída da esfera pública (SOUSA, 2011). Ao longo deste século, com as mudanças econômicas, políticas e sociais, deu-se origem ao processo de urbanização no país.

Com o mundo industrializado e o capitalismo, foram refeitas as hierarquias de profissões e modificados os valores dados às atividades exercidas, com isso, o magistério, que antes era visto como uma área de grande valor começou a ser desvalorizado, um dos fatores para isto foi que, com a saída dos homens e aumento da participação feminina, houve degradação dos salários.

A educação nesta época era destinada apenas aos homens de elite, sendo a mulher vista como inferior, tendo seu papel direcionado à condução da moral da ordem social e do trabalho de caráter filantrópico.

Souza (2011) afirma que em 1827 foi sancionada a primeira lei que presidia a criação do ensino público e gratuito no Brasil, incluindo a educação para as mulheres, que até então não eram vistas como cidadãs, sendo excluídas do direito à educação. Contudo, o currículo para as mulheres seria diferenciado, voltado à formação moral religiosa, a doutrina católica e ao serviço doméstico.

O autor também afirma que o espaço educativo era predominado pela figura masculina, pois as mulheres, excluídas da sociedade, deviam ficar em casa, cuidando apenas da família. Era designado ao homem o papel de trabalhar fora e participar da sociedade. Os homens eram responsáveis por exercer o magistério, mas, segundo o autor, o Estado não valorizava a educação, e o salário era muito baixo, com isso, toda a

responsabilidade do fracasso dos aprendizados dos alunos era culpa do professor. Com a revolução industrial, os homens foram em busca de valorização social, de melhores salários e de carreiras mais promissoras, o ensino vai perdendo a participação dos homens, e abrindo espaço para as mulheres, o que se torna uma grande conquista para elas, pois começaram a participar da vida social.

Sousa (2011) ainda afirma que com a saída dos homens na atuação da educação, eles viram nas mulheres a oportunidade de resolver esse “problema”, sendo que as mesmas não iriam se preocupar com o salário, pois para elas, estariam ajudando as crianças e teriam oportunidade de estudar. Esse trabalho para as mulheres, era visto como uma maternidade, onde elas dariam amor e carinho às crianças, além de terem grandes habilidades no cuidado das mesmas. Neste contexto, ser professor era visto como uma profissão feminina, por ser uma continuidade do lar.

Para o Estado a mão de obra da mulher era mais barata, sendo mais lucrativo para eles, pois não era pensado na mulher como profissional, mas sim como prestadora de favores.

Com isso, aos poucos foi se instalando a associação do magistério à desvalorização social, tornando a atuação do homem na docência como algo indigno, fazendo com que esses homens buscassem outras fontes de renda possibilitadas pelo novo ordenamento de trabalho e as novas oportunidades de emprego que surgiram com a primeira Revolução Industrial. Sendo assim, as mulheres tornam-se maioria no exercício da profissão docente e os homens vão ocupando outros cargos considerados superiores na hierarquia burocrática (DE SÁ E ROSA, S/A).

Em 1889, com a instauração da República, houve a ampliação da rede de ensino público, possibilitando um novo mercado de trabalho a homens e mulheres, a escola normal preparava as mulheres para a “nobre e profissional missão de ensinar” (SOUSA, 2011, p. 29), e os currículos da escola começavam a mudar.

Sousa (2011) e De Sá e Rosa (s/a) asseguram que essa vocação instituída à mulher para assumir o espaço da sala de aula e as representações sociais produzidas pelas ideologias do estado, estão presentes na história da educação brasileira até os dias atuais, onde hoje vemos cada vez menos a presença dos homens no cenário do magistério devido aos fatores da desvalorização da profissão, os baixos salários,

evidenciando o processo cada vez maior da evasão de professoras e professores, mas que atinge em sua maioria, os do sexo masculino.

Com isso, a discussão sobre gênero tem implicações importantes na educação, pois tem aspectos históricos que são trazidos até hoje dentro das escolas.

### **3 A VISÃO DO HOMEM NO EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO E SUAS DIFICULDADES EXERCENDO O PAPEL DE PROFESSOR**

Nos dias atuais, faz-se necessário refletir sobre o exercício profissional do professor do sexo masculino, que segundo Sousa (2011), vem sofrendo restrições em seu trabalho na educação infantil e nos anos iniciais.

Em um ambiente de educação infantil e anos iniciais de escolarização em que as relações são baseadas no cuidado, característica atribuída às mulheres, os homens acabam sendo excluídos perante concepções de que ele não é um cuidador. Porém, Sousa (2011) afirma que esta ideia é equivocada, pois o cuidado permeia todas as relações humanas. Mesmo que o homem não esteja diretamente ligado aos cuidados domésticos, tradicionalmente ele cuida para que não falte nada em casa, tratando-se do material e a esposa ficaria encarregada de cuidar da casa e dos filhos. Entretanto, esta concepção vem sendo modificada através do ingresso das mulheres no mercado de trabalho assumindo outras profissões, fazendo com que os homens também fiquem responsáveis pela casa e afazeres domésticos e as mulheres também trabalhem fora.

Ao analisar a questão do cuidado, vemos autores com diferentes opiniões sobre o mesmo, onde para Chodorow (1990, *apud* SOUSA, 2011, p. 34) “as mulheres se dedicam à responsabilidade inicial do cuidado das crianças e sua ‘maternação’ é um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão do trabalho por sexos”. Já Badinter (1993, *apud* SOUSA, 2011) afirma que essa “maternação” não tem sexo, pois é algo que se aprende, tornando então possível que homens e mulheres sejam capazes de cuidar da mesma forma, dependendo apenas de suas experiências de vida e do contexto histórico e social em que estão inseridos.

O educador, não importando o sexo, tornou-se uma importante figura na questão do cuidado, por serem profissionais que em sua prática ajudam o indivíduo no processo



de humanização.

O homem moderno vivencia uma exigência de comportamentos distantes do afetivo, fazendo com que muitos tenham receio de que a demonstração de afeto, sensibilidade, cuidado, entre outras características comuns nas mulheres, desperte pulsão a homossexualidade (SOUSA, 2011).

É perceptível certa restrição e estranhamento por parte das escolas e comunidade escolar quando profissionais da educação do sexo masculino se interessam pelos anos iniciais de escolarização. Autoras como Albuquerque (2001 *apud* SOUSA, 2011) e Carvalho (1998 *apud* SOUSA, 2011) confirmam este fato, discorrendo sobre a necessidade e predominância de uma visão feminina e maternal na docência dos primeiros anos de escolarização.

Um estudo realizado por Sarmento (2004, *apud* SOUSA 2011) problematiza uma situação vivenciada por um educador de educação infantil na questão de higiene, onde as crianças tomavam banho na própria instituição e para estimular a confiança dos pais em confiar seus filhos a homens nessas atividades, os pedagogos buscaram estratégias através de atividades e acompanhamento dos pais do trabalho desenvolvido pelos professores envolvendo o cuidado às crianças.

Segundo Connell (2013), através da nossa cultura, temos ideias preconceituosas de que os homens que trabalham com a docência são anormais. Quando esses homens ocupam posições que foram impostas a serem femininas, eles acabam sendo relacionados a homossexuais, pedófilos e o colocam como se não levassem jeito para ocuparem tal profissão.

Diversos fatores sociais trazem ideias negativas sobre o homem, associando o fato de o homem gostar de crianças à pedofilia. O preconceito enfrentado pelos educadores do sexo masculino, não parte das crianças, mas sim dos pais, onde os mesmos acabam tendo receios de alguma forma de brutalidade com as mesmas. Sendo assim, a ideia de que a mulher é melhor para ensinar foi incorporada pela sociedade, afastando o homem do magistério e aumentando a atuação dela em sala de aula (FARIA, et al. 2015).

Como destaca Sayão (2005, p. 16 *apud* RAMOS E XAVIER, 2010, p.4):

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias

que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

Percebe-se então que a violência de gêneros não atinge somente as mulheres, mas também o homem, no sentido de que, se o mesmo vê negado o seu direito de exercer seu papel como professor, que sua formação o permite desenvolver, em um local de trabalho marcado pela presença feminina, está sofrendo de um tipo de violência psicológica (SOUSA, 2011).

O trabalho do homem na docência é escasso tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. A presença deles, principalmente na educação infantil, faz com que muitas pessoas tenham dúvidas e até recusas de que esse trabalho também possa ser desenvolvido pelo homem, pois acredita-se que somente as mulheres são capazes de trabalhar com as crianças. Segundo Sousa (2015), as próprias professoras acham que o trabalho é mais adequado para as mulheres, por mais que não sejam totalmente contra o homem ser professor de educação infantil. Além dessa questão vista pela sociedade no geral de que somente a mulher pode ser professora, por ter uma melhor relação com o cuidado, outro motivo, como cita Sousa (2015), que faz com que os homens tenham uma menor procura na profissão, é o fato da desvalorização profissional, que é percebido pelos baixos salários. Por mais que iniciem como professor de educação infantil, muitas vezes acabam não dando continuidade nessa área, pois acabam buscando outros cargos, como por exemplo, a coordenação, para trabalharem.

Segundo Silva (2013), quando o professor decide seguir como docente na educação infantil e a escola permite que o homem tenha uma oportunidade de trabalho, os pais não conseguem ter confiança em relação ao trabalho dele, e o professor precisa a cada dia tentar conquistar a confiança dos pais, e provar que tem competência para educar as crianças. Como mostra o depoimento de um professor de educação infantil:

Queria que os pais soubessem que existiam homens que educam crianças pequenas, na realidade meu medo maior era o preconceito, sendo homem em um espaço culturalmente

marcado pela presença feminina, me senti na obrigação de defender meu gênero, sabia que tinha capacidade de ser um bom profissional na Educação Infantil e queria mostrar isso. (...) infelizmente tive que começar aos poucos desconstruindo essa questão que só mulher pode cuidar e educar crianças pequenas (SILVA, 2013, p.8).

É difícil os pais confiarem na figura masculina como professor logo de início, pois isso não é comum para eles e isso não é culpa dos pais, pois essa ideia de que não se pode haver homem na educação infantil, foi algo imposto há tempos na sociedade e os homens que querem seguir esse caminho precisam “provar” que são competentes para exercerem esse cargo. Com isso, são mais cobrados do que as mulheres, que para a sociedade, já vem com o “dom” de ensinar.

O gênero masculino na educação infantil é fundamental para que as crianças possuam uma referência masculina em sua rotina diária, pois elas acabam passando tanto tempo convivendo com as mães, babás e educadoras, que acabam acreditando ser o único modelo existente (FARIA, et al. 2015).

Contudo Williams (1995) afirma que, o homem quando inserido nas profissões de predomínio feminino, não abandona ou põem em dúvida a sua masculinidade, e nem deixa de lado o seu interesse em manter sustentar os privilégios masculinos na sociedade.

Diante da história dos homens na docência, Silva (2007, p. 326) conclui que:

a estética corporal dos professores do modo como é por cada um experimentada, passa pelos desafios de romper com barreiras individuais que cada um carregou (e/ou ainda carrega) em si, devido a sua subjetividade e experiências, como também pelo social, na direção do que propõe Mauss (1974) e Rodrigues (1983), dentre outros, que apontam as normatizações sociais que tentam moldar o corpo, em culturas distintas, através de sistemas de classificação.

Sendo assim, antes que homens e mulheres possam ter oportunidades iguais, é necessário que prevaleça o respeito mútuo, pois homens e mulheres são necessários no magistério assim como nas demais profissões.

## 4 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E DISCUSSÃO SOBRE A FIGURA MASCULINA NA DOCÊNCIA

Com o objetivo de analisar a escassez da figura masculina na docência e como realmente a mesma é vista pela sociedade, por professores de ambos os gêneros, estudantes e graduados em Pedagogia, foi realizada uma pesquisa de campo com os mesmos através de questionários. A pesquisa foi realizada durante o período de todo o semestre (2017/1), onde foram distribuídos estes questionários em escolas, faculdade e locais de trabalho. Foram entregues 30 questionários a cada um dos públicos destinados. Quanto ao público da sociedade em geral, recebemos 24 questionários respondidos, o mesmo era composto por 5 questões. O questionário destinado a professoras e pedagogas era composto por 4 perguntas, recebemos 17 questionários respondidos. Em relação ao público de homens que já atuam como professores na educação infantil e anos iniciais do fundamental, e homens que estão cursando a licenciatura em pedagogia, recebemos apenas 6 respondidos, o questionário era composto por 5 questões.

### 4.1 SOCIEDADE EM GERAL

**Questão 1.** Qual o seu sexo?

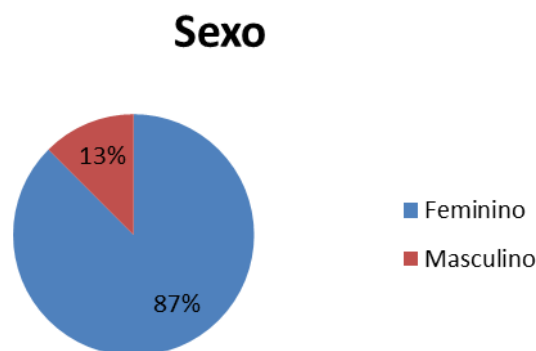


Gráfico 1: Sexo

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Questionário aplicado ao público de pessoas da sociedade em geral, homens e mulheres, com filhos ou não, onde a maioria do público o qual entregou os questionários foram mulheres, sendo assim, o sexo feminino é predominante.

**Questão 2.** Você colocaria seu filho numa escola de educação infantil em que o professor fosse homem?

**Matricula dos filhos em escolas  
com professores homens**

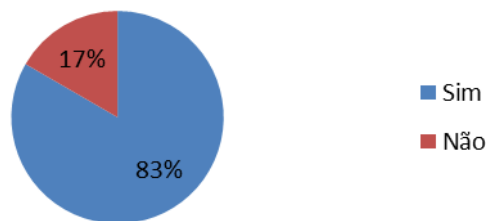


Gráfico 2: Matricula dos filhos em escolas com professores homens

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Nota-se que a grande maioria colocaria seus filhos numa escola de educação infantil, a qual tivesse como professor um homem, mas também houve pessoas com respostas contrárias, que não colocariam seus filhos, pois segundo elas, não conseguiriam ficar tranquilas e confiar completamente, principalmente pelos muitos casos de abuso sexual, mesmo não acreditando que por ser homem, o professor seria pior ou menos cuidadoso, mas teriam medo. Essa afirmação, segundo Araujo e Hammes (2012), é confirmada, pois além do trabalho do professor ser visto pela sociedade como uma função feminina, muitos dos pais sentem medo de que seu filho sofra algum tipo de abuso.

**Questão 3.** Você tem filhos na educação infantil ou nos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano)?

## Escolaridade dos filhos

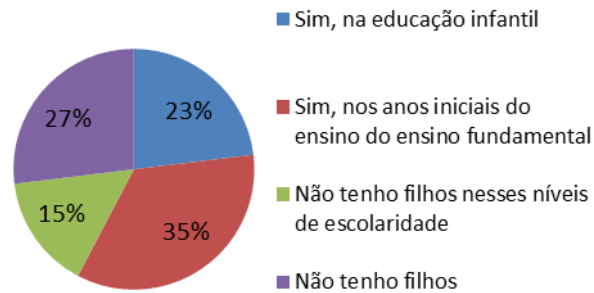


Gráfico 3: Escolaridade dos filhos

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Quanto à escolaridade dos filhos, a grande maioria tem filhos matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental, outra grande parte não tem filhos ou os tem na educação infantil e a minoria não tem filhos nesses níveis de escolaridade. Parte da população que respondeu marcou mais de uma opção, como no caso de quem tem mais de um filho nesses níveis, marcando na educação infantil e também ensino fundamental.

**Questão 4.** Se a resposta à questão anterior foi sim, o professor é homem ou mulher?

## Sexo do professor

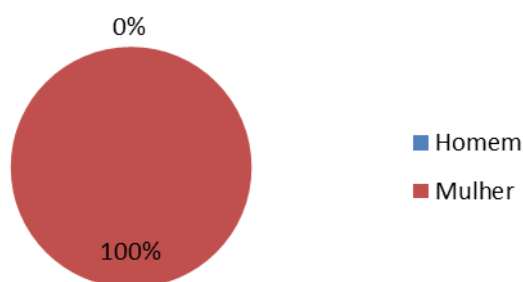


Gráfico 4: Sexo do professor

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Nesta questão 100% das respostas obtidas resultaram em que o professor regente da sala de aula é do sexo feminino. Algumas pessoas observaram que há professor homem, mas para as aulas especiais.

**Questão 5.** O que você pensa sobre a figura do homem como professor da educação infantil? E nos anos iniciais do ensino fundamental?

Sobre a visão da sociedade em relação ao homem como professor na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, esse público afirma que vêem homens e mulheres como seres humanos, ambos são capacitados para tal através da formação inicial, portanto ambos podem ser atenciosos, zelosos e caprichosos. Segundo os mesmos, a figura do homem como professor é muito importante para as crianças, pois ajuda no desenvolvimento, nas atitudes, faz com que a criança veja tais diferenças e variedades no modo de ensino, auxiliando também no relacionamento, trazendo mais segurança de si próprio, pois se as mulheres têm o “instinto materno”, os homens também possuem o “instinto paterno” para atuar com as crianças. Os homens por seu porte e voz mais fortes teriam o controle da turma mais rapidamente. Apontam também o fato da desvalorização dos mesmos, onde a sociedade atual não permite que o homem como professor seja reconhecido e se torne presente como uma figura ativa nesse meio pelo fato do preconceito. Talvez com o tempo esta situação mude. Outros não concordam ou acham indiferente, acreditando que falte preparo para o trabalho com crianças, no preparo de atividades e no estímulo à realização da mesma. Segundo Ramos e Xavier (2010), as crianças não sentem preconceito e nem desaprovam os professores homens, o estranhamento delas com eles é o mesmo que sentem com as mulheres em períodos de adaptação, por exemplo. Além disso, por mais que os professores desempenhem com qualidade o seu papel de educador, ainda assim sofrerão algum tipo de julgamento ou constrangimento.

#### 4.2 PROFESSORAS E PEDAGOGAS

**Questão 1.** Você atua como professora ou pedagoga?

**Revista Communitas V2, N4 (Jul/Dez – 2018): Reflexões sobre escravidão moderna, migrações e ditaduras na literatura contemporânea**

## Professoras e pedagogas

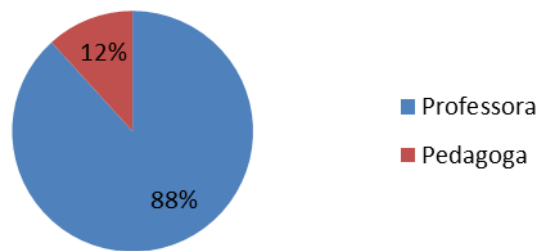


Gráfico 1: Professoras e pedagogas

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Foram entrevistadas também, professoras e pedagogas, onde a maioria das que entregaram os questionários atuavam como professoras.

**Questão 2.** Você já trabalhou com professores do sexo masculino na educação infantil ou ensino fundamental (anos iniciais)?

## Colegas de trabalho (professores) do sexo masculino

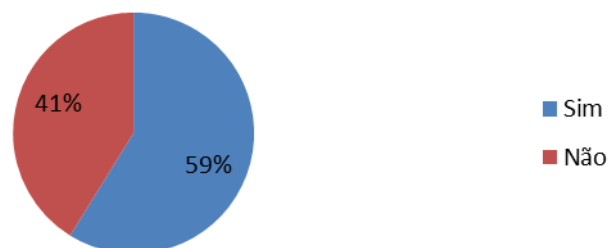


Gráfico 2: Colegas de trabalho (professores) do sexo masculino.

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Percebe-se que a maioria das professoras e pedagogas já trabalhou com



professores do sexo masculino na educação infantil ou anos iniciais do ensino fundamental, segundo elas, tanto como regentes e também como professores de aulas especiais como, por exemplo, judô, educação física, música, entre outras.

**Questão 3.** Você acredita que há diferenças no trabalho de professores do sexo masculino e feminino? Justifique sua resposta.

### Trabalho dos professores

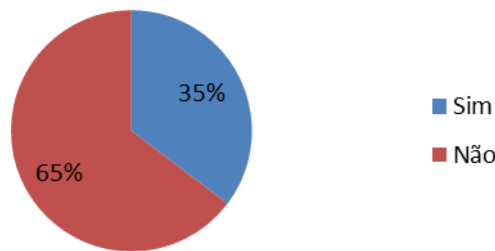


Gráfico 3: Trabalho dos professores

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Em sua maioria, as professoras e pedagogas acreditam não existir diferenças entre o trabalho exercido por professores do sexo masculino e feminino, pois de acordo com elas, não é perceptível a diferença pelo sexo, ou por atividades exercidas por ambos, mas sim pelo profissionalismo de cada pessoa, independentemente de ser homem ou mulher, pois são aptos ao trabalho da mesma maneira perante sua formação como professores. Afirmam também a existência de uma cultura preconceituosa enraizada na sociedade atual, enfatizando que precisa haver uma desconstrução de papéis de gênero na sociedade em todos os âmbitos. Outras ainda apontam como diferença entre os gêneros no ambiente de trabalho, apenas o fator emocional. Também existem afirmações a cerca da importância da figura masculina para as crianças, tanto quanto a feminina.

Constatou-se também, opiniões contrárias, onde este mesmo público acredita existir diferença entre o trabalho exercido por homens e mulheres como professores,

pois segundo professoras e pedagogas entrevistadas, o fato de o gênero feminino ter mais habilidades com crianças devido aos seus instintos maternos e o cuidado com a criança, tem influencia nessa diferença de gêneros. Segundo Hentges (2013), para ser professor é necessário adquirir competências e habilidades através do processo de formação e de prática do exercício da docência, isso independente do gênero, portanto, as competências de trabalhar com as crianças não inatas das mulheres.

**Questão 4.** Você acredita que o trabalho do professor homem na educação infantil e no ensino fundamental (anos iniciais) é desvalorizado nos dias atuais? Justifique sua resposta.

### Desvalorização do trabalho

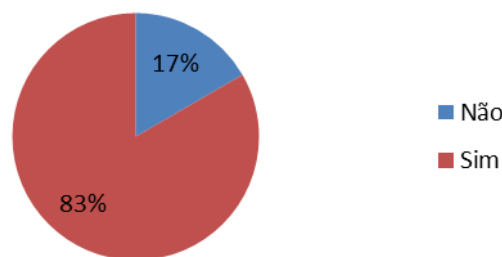


Gráfico 4: Desvalorização do trabalho

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Quanto à questão da desvalorização do professor homem nos dias atuais, a maioria acredita ser algo que ocorre sim por diversos motivos. Segundo as entrevistadas, um exemplo são os casos que se ouvem acerca de abuso sexual, pedofilia, homossexualismo, criando certo receio da figura masculina com as crianças, porém ao mesmo tempo como professor de aulas especiais, o homem geralmente é “louvado” pelas famílias, uma professora até afirma que “talvez, porque haja uma maior fiscalização nessas aulas (como professoras assistentes) e menos tempo com as crianças”. Também há receios em relação a questões de higiene das crianças menores, à questão própria da sociedade ter se formado tendo as mulheres como “cuidadoras” e os

homens como “chefes de família” que trabalham com funções braçais, sendo assim difícil de mudar estas concepções na sociedade atual e tornando complicado exercer a função de professor na educação infantil e ensino fundamental, e também, a própria escassez dos homens atuando nessa área, diferente dos anos finais e ensino médio, onde são predominantes. Para Araujo e Hammes (2012), essa ideia não só discrimina o homem como educador, mas também como pai, pois os homens dividem o cuidado dos seus filhos com as esposas, porém isso não é entendido pela sociedade em geral. O que importa não é se o professor é homem ou mulher, mas sim a sua atuação profissional.

Algumas professoras também acreditam não existir esta desvalorização, pois alegam que todos estão trabalhando de maneira a ser reconhecido o seu trabalho dentro de sala de aula, onde talvez “desvalorizado” não seja a ideia correta, talvez exista uma relação do papel do pedagogo com a maternidade, resultando em um pensamento errôneo quanto à educação infantil visto no cenário atual.

#### 4.3 HOMENS QUE JÁ ATUAM COMO PROFESSORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E HOMENS QUE ESTÃO CURSANDO A LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**Questão 1 .** Você atua na área da educação como professor?

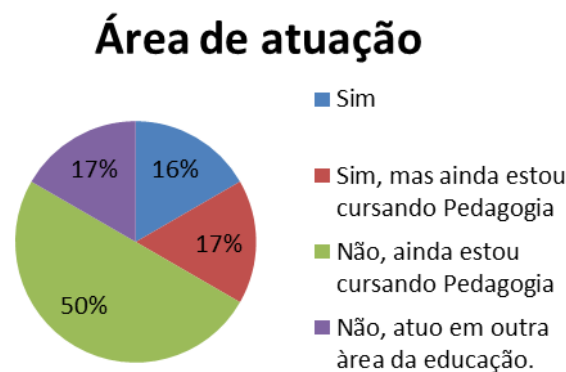


Gráfico 1: Área de atuação

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Nos questionários destinados aos homens que já atuam como professores na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental e homens que estão cursando a licenciatura em pedagogia, constatou-se que a maioria ainda está concluindo o curso.

**Questão 2.** Se atua como professor, em qual nível?

### Nível escolar de atuação

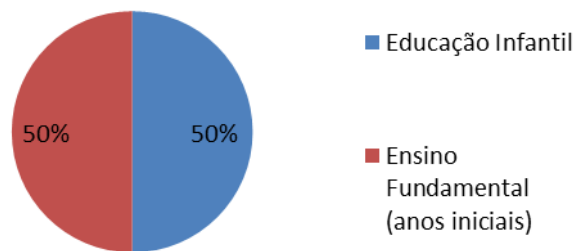


Gráfico 2: Nível escolar de atuação

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Neste caso, houve os mesmos resultados de atuação dos professores tanto na educação infantil quanto nos anos iniciais do ensino fundamental.

**Questão 3.** Já passou pelo estágio obrigatório em educação infantil? Conte como foi sua experiência.

### Estágio obrigatório

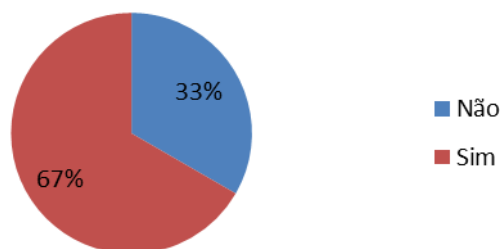


Gráfico 3: Estágio obrigatório

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Constatou-se que, quanto à experiência nos estágios obrigatórios para os que o realizaram, alguns afirmaram haver certo bloqueio com a educação infantil de início, porém passaram a enxergar com outros olhos e perceber a importância da figura masculina e que seria possível sua atuação, enquanto homem, na educação infantil e anos iniciais. Afirmam também ter sido um tempo valioso e prazeroso e até utilizam o termo “maravilhoso”, de muito aprendizado, ressaltando que as crianças ao perceberem a figura masculina, agem de maneira diferente. Já outros entrevistados dizem que não foi uma experiência bem sucedida, onde se encontrou muitas barreiras para realizá-lo e muito preconceito existente.

**Questão 4.** Se ainda está cursando pedagogia, em qual área pretende atuar?

Quanto à pretensão de atuação, alguns pretendem atuar na própria educação infantil, outros nas áreas de coordenação, tutoria, pedagogia hospitalar, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio (já pensando em outra graduação) e gestão, afirmando o que o professor de educação infantil, Silva (2013), afirma discorrendo sobre a ideia do cuidado na educação infantil, que está tão ligada à mulher, que quando um homem entra nessa área causa muitas estranhezas e preconceitos, por isso muitos deixam de exercer a profissão.

**Questão 5.** Em algum momento, pelo fato de ser homem, você já se sentiu desvalorizado ou sofreu algum tipo de preconceito, seja nos estágios obrigatórios ou na sua profissão?

## Preconceito e desvalorização

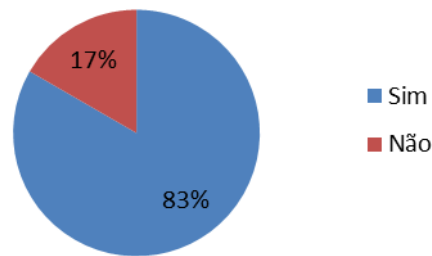


Gráfico 4: Preconceito e desvalorização

Fonte: Dados da pesquisa

Elaboração: As autoras (2017)

Através desta questão, constatou-se que grande maioria dos homens já se sentiram desvalorizados e até sentiram formas de preconceito em relação a sua atuação como docente ou na realização dos estágios obrigatórios.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização desse trabalho, tivemos como objetivo geral investigar a visão da sociedade perante a figura masculina na docência, e através dos estudos realizados foi possível compreender a percepção da sociedade em relação ao homem na educação infantil e ensino fundamental, percebe-se que muitos sentem medo de colocar seus filhos em escolas com um professor homem, pois têm receio de que as crianças sofrerão algum tipo de abuso, isso confirma nossa hipótese de que os homens sofrem preconceito no exercício de sua profissão como professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, porém segundo nossa pesquisa de campo, isso não é considerado pela maioria.

Com o conhecimento teórico adquirido com este trabalho, percebemos que as relações de gênero são algo socialmente construído, e o trabalho do homem como cuidador é desvalorizado, pois o cuidado é uma característica atribuída às mulheres. Isso ainda está presente em nossa sociedade, como se só a mulher pudesse ser professora,

pois acredita-se que ela está mais preparada porque tem o instinto materno. Porém ambos possuem formação e capacidade adequada para ser professor e ensinar na área em que é formado.

Concluimos que atualmente ainda existe preconceito em relação aos homens atuarem na docência, porém isso está mudando, muitas pessoas já compreendem que os homens têm igual capacidade de atuar como professor assim como as mulheres, e isso é muito importante, pois é preciso que a escola, os pais e sociedade percam o medo e aceitem esses profissionais, isso fará com que cada vez mais homens, que queiram ser professores, busquem a pedagogia, estudem e construam novos conhecimentos, afim de melhorar a educação, pois as crianças precisam de excelentes professores, independente do gênero.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane; **A androfobia na educação infantil**. 2012. Disponível em:

<<http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/580>> Acesso em: 05 mai. 2017.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito repensando o conceito**. 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>> Acesso em 15 abr. 2017.

DE SÁ, Carolina Mafra; ROSA, Walquíria Miranda. **A história da feminização do magistério no Brasil: Uma revisão bibliográfica**. S/a. Disponível em:

<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2017.

FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart. **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. 2015. Disponível em:

<[https://www.fcc.org.br/livros/CRECHE\\_E\\_FEMINISMO\\_Download\\_pedro\\_menor.pdf](https://www.fcc.org.br/livros/CRECHE_E_FEMINISMO_Download_pedro_menor.pdf)> Acesso em: 26 abr. 2017.

HENTGES, Karine Jacques. **As relações de gênero e a docência masculina na educação infantil**. 2013. Disponível em:

<[http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/179/Hentges\\_Karine\\_Jacques.pdf?sequence=1](http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/179/Hentges_Karine_Jacques.pdf?sequence=1)> Acesso em: 02 mai. 2017.

**Revista Communitas V2, N4 (Jul/Dez – 2018): Reflexões sobre escravidão moderna, migrações e ditaduras na literatura contemporânea**

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Dalton Aparecido; TERUYA, Tereza Kazuko. **Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar.** 2008. Disponível em: <  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya\\_01.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Nogueira-Felipe-Teruya_01.pdf)> Acesso em: 26 abr. 2017.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. **A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas.** 2010. Disponível em: <  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277930497\\_ARQUIVO\\_Artigo-FAZENDOGENRO-versaofinal.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277930497_ARQUIVO_Artigo-FAZENDOGENRO-versaofinal.pdf)> Acesso em: 02 mai. 2017.

SANTOS, Elizabeth Ângela. **Profissão Docente: uma questão de gênero?** 2010. Disponível em: <  
[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth\\_Angela\\_dos\\_Santos\\_08.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST8/Elizabeth_Angela_dos_Santos_08.pdf)> Acesso em: 14 abr. 2017.

SILVA, Mirian Pacheco. **Memórias de professore(a)s sobre sexualidade e o currículo como narrativa.** 2007. Disponível em: <  
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000422795>> Acesso em: 17 mai. 2017.

SILVA, Walter Lúcio. **Homens que educam: desafios do nosso tempo.** 2013. Disponível em: <  
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2156/1/PDF%20-%20Walter%20L%20C3%BAcio%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 05 mai. 2017.

SOUSA, Fernando Santos. **Gênero e trabalho pedagógico: O prisma do pedagogo homem nos anos de início da escolarização.** 2011. Disponível em: <  
[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2287/1/2011\\_FernandoSantosSousa.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2287/1/2011_FernandoSantosSousa.pdf)> Acesso em: 15 abr. 2017.

SOUSA, José Edilmar. **Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil.** 2015. Disponível em: <  
<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-4232.pdf>> Acesso em: 02 mai. 2017.

VENTURINI, Angela Maria; THOMASI, Katia Barroso. **A feminização na educação infantil: Uma questão de gênero.** 2013. Disponível em: <  
<http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/A%20FEMINIZA%C3%87%C3%83O%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL.pdf>> Acesso em: 13 abr. 2017.